

PRIMEIRA ENCENAÇÃO DE *ANJO NEGRO*, DE NELSON RODRIGUES: A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE

Claudia Monique Silva FERREIRA¹

Resumo

O presente artigo pretende analisar a primeira encenação da peça teatral *Anjo Negro* (1946) realizada pela Companhia Maria della Costa, no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix, que estreou em 02 de abril de 1948. Este artigo visa analisar especificamente o que motivou a escolha do ator branco Orlando Guy para interpretar o protagonista negro Ismael. Desse modo, pretende-se refletir sobre o teatro brasileiro e a representatividade negra, seja na época da encenação, seja de modo mais amplo.

Palavras-chave: Anjo Negro; Blackface; Teatro Experimental do Negro.

Abstract

This article intends to analyze the first performance of the play *Anjo Negro* (1946) performed by Maria della Costa Company, in Rio de Janeiro at the Phoenix Theater, which was released on April 2, 1948. This article aims to analyze specifically what motivated the choice of the white actor Orlando Guy to play the black protagonist Ismael. In this way, we intend to reflect on the Brazilian theater and the black representativeness, be it at the time of the staging, or in a broader way.

Palavras-chave: Black Angel; Blackface; Black Experimental Theater.

1. Graduanda em Artes Cênicas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Email: claudia.monique.19.cm@gmail.com. Esse artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC – Cnpq e pelo SAE, Unicamp.

Anjo Negro (1946) foi encenada pela primeira vez no Teatro Fênix em 1948, no Rio de Janeiro, pela Companhia Maria Della Costa. O elenco principal era composto por: Orlando Guy (Ismael); Maria Della Costa (Virgília); Joseph Guerrero (Elias); Nicete Bruno (Ana Maria) e Itália Fausta (Tia). Zbigniew Ziembinski assinou a direção e os cenários foram concebidos por Sandro Poloni.

Nelson Rodrigues é considerado um dos maiores dramaturgos brasileiros. Escreveu 17 peças, entre 1941 e 1980, ano de sua morte. Foi o primeiro dramaturgo moderno brasileiro a ser encenado, com isso, tornou-se um marco histórico do teatro do século XX. Segundo grande parte dos estudiosos, a peça *Vestido de Noiva*, encenada por Ziembinski em 1943, consiste no evento que inscreveu o teatro nacional na modernidade. O autor continuou a escrever peças sempre marcantes e polêmicas, sendo bastante censurado no decorrer de sua carreira. *Anjo Negro* foi sua quarta peça.

Nelson escreveu *Anjo Negro* inspirado pelo grupo Teatro Experimental do Negro (TEN), criado pelo ativista do Movimento Negro Abdias do Nascimento.

Abdias do Nascimento, escritor, dramaturgo, artista plástico, político, poeta, fundou o TEN em 1944, após ter assistido a peça *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, quando esteve no Peru. Nesta peça, Abdias observou que o protagonista negro foi representado por um homem branco pintado de preto, utilizando portanto o recurso chamado *blackface*. O *blackface* foi uma prática muito comum no teatro de vários países até meados do século XX. Uma das justificativas alegadas para a prática consistia em que não havia negros capacitados para interpretar os papéis. Refletindo sobre esse episódio vivenciado no Peru, Abdias decidiu criar um grupo de teatro composto por pessoas negras no Brasil. O grupo, além de encenar peças, oferecia aos participantes aulas de teatro, de alfabetização, matemática, história, etc. Além disso, o TEN instigou debates sobre a regulamentação do trabalho doméstico. Abdias também organizou o I Congresso do Negro Brasileiro (1950) e a Convenção Nacional do Negro (1945-46). Abdias tinha a ambição de criar um teatro que fosse além da representação, ele queria construir um Brasil com oportunidade para todos, onde todas as culturas fossem respeitadas (NASCIMENTO, 2004).

Segundo Ruy Castro, Nelson Rodrigues, em uma conversa com Abdias do Nascimento, comentou sobre quando a temática do racismo despertou sua atenção pela primeira vez: “sua atenção para o problema do negro fora despertada na viagem que fizera ao Recife, aos dezessete anos, em 1929, mas não explicou por quê”. (CASTRO, 1992). A amizade instigou Nelson a escrever a peça *Anjo Negro*, cujo protagonista, Ismael, foi criado para ser representado pelo próprio Abdias do Nascimento. No entanto, isso não aconteceu, Ismael foi representado por Orlando Guy, ator branco, que usou o recurso de pintar-se com graxa para interpretar a personagem.

A prática de pintar atores brancos de preto foi muito recorrente nos Estados Unidos durante mais de um século nos Minstrel Shows. O auge desses espetáculos ocorreu entre a década de vinte do século XIX e a de trinta do século XX. Tratava-se de shows humorísticos, onde havia

comediantes brancos que se travestiram de homens negros: pintavam o rosto com graxa, exageravam os lábios, usavam perucas de lã, luvas e fraque. Essas performances desempenharam papel importante em consolidar e proliferar imagens, atitudes e percepções racistas no mundo. Era também uma forma de se apropriar, assimilar e explorar a cultura negra norte-americana. (LEAL, 2008, p. 2)

Apesar de Mara Leal, a autora do trecho acima comenta sobre a prática nos Estados Unidos, no Brasil também tivemos muitos personagens que utilizaram o *blackface*. Ismael foi um deles. O personagem protagonista de *Anjo Negro* foi o principal elemento responsável pelo atraso de dois anos na liberação da peça pela censura. Ela só obteve a autorização para chegar ao palco sob a condição de que um homem branco pintado de graxa interpretasse o papel.

Anjo Negro e a censura

Anjo Negro traz um elemento nunca antes visto no teatro brasileiro: um personagem negro não tipificado. Nelson Rodrigues, até então, não havia trabalhado a questão do racismo em suas peças. Para esta peça, criou Ismael: homem negro casado com a mulher branca, Virgínia: “Nelson enfrenta pela primeira vez, em sua dramaturgia, o problema racial, que no Brasil existe sempre velado.” (MAGALDI, 2004, p. 59).

Ismael é um homem negro que sempre se veste de branco e carrega problemas pessoais de aceitação de sua própria cor. Depois de descobrir que sua mulher o traiu com seu irmão branco, ele percebe que uma maldição o persegue, pois tem raiva de sua própria cor:

ISMAEL (*fazendo abstração de tudo e de todos, e falando para si mesmo*) - É castigo... Sempre tive ódio de ser negro. Desprezei, e não devia o meu suor de preto... Só desejei o ventre de mulheres brancas... Odiei minha mãe, por que nasci de cor... Invejei Elias porque tinha o peito claro... Agora estou pagando.. Um Cristo preto marcou minha carne... Tudo porque desprezei o meu suor... (RODRIGUES *apud* NASCIMENTO, 1961, p. 345)

A dramaturgia de *Anjo Negro* é intrigante, pois, ao mesmo tempo em que trata de racismo, não faz de Ismael um coitado, ou um mártir, pelo contrário, sua complexidade é tamanha que não se pode categorizá-lo. Nelson traz Ismael como um médico, com boas condições financeiras, com muitos empregados, portanto, um homem bem sucedido. A peça inova ao tratar o homem negro desta forma, visto que muitas peças da época reforçavam estereótipos racistas, com personagens negras caricatas representando tipos específicos como o Pai João, o malandro, a Mama, a mulata sensual, entre outros (Mendes, 1993, p. 28).

O negro Ismael - o herói - é belo, forte, sensível e inteligente. Esse desfile de qualidades não é tudo, porém. Se ele fosse perfeito, cairíamos no exagero inverso e faríamos um negro tão falso quanto o outro. Ismael é capaz também de maldades, de sombrias paixões, de violências, de ódios.

Mas, no ato de amor ou de crueldade, ele é, será sempre um homem, com dignidade dramática, não um moleque gaiato. (CASTRO, 1992, p. 190)

Anjo Negro, escrita em 1946, encenada apenas em 1948, foi perseguida e censurada. O personagem negro não tipificado, o relacionamento inter-racial, o incesto, as personagens complexas, intensas e excessivamente desestruturadas fizeram com que o texto não fosse compreendido e aceito pela maioria da crítica da época. Porém o incômodo maior para a censura era o fato de um homem negro interpretar o papel. Em uma entrevista para o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, em 1969, vinte e cinco anos após escrever sua peça, Nelson descreveu o momento em que a peça foi liberada pela censura:

Fui conversar com a Comissão que selecionou o repertório. Sinto a surda irritação dos seus membros. Um deles começa: - “Naturalmente, o Ismael não será um ator preto”. Não entendo: - “Como? Como?” Um outro mais claro: - “Escuta, Nelson, não é interessante um negro no Municipal?” Digo: - “Mas o personagem é negro”. Toda a Comissão se entreolha. Um dos componentes, amassando a brasa do cigarro no cinzeiro, fala pelos demais: - “Faz o seguinte: - põe um negro pintado”.
Aí está: - o Municipal não admitia que o herói negro fosse negro, se fosse um espetáculo folclórico, ou uma macumba altamente sofisticada, vai lá. Mas era um drama, pela primeira vez o preto recebia um tratamento lírico e dramático. Portanto, tinha que ser um branco pintado, pintado com rolha queimada, carvão, piche. (JORNAL DA TARDE, 1969)

Paschoal Carlos Magno, ator, diretor, teatrólogo e diplomata brasileiro, importante personalidade do meio teatral brasileiro, defendeu a peça. Escreveu para o *Jornal Correio da Manhã* em 1947 sobre a questão da peça ser censurada, sua crítica abordou o tema “Censura pedagógica e censura policial” e comentou o artigo 41 do Decreto 20.495, que descreve o que daria o direito de se censurar uma peça. Algumas das questões abordadas volta-se para a ideia da peça apresentar incitação a maus costumes, incentivar a cometer crimes, ou que fosse ofensiva a coletividades ou religiões, entre outros. Paschoal ponderou que as obras de arte gregas, as grandes tragédias, são repletas de violências e não deveriam ser censuradas, assim como *Anjo Negro*:

[...]”Hamlet” acusa a mãe de incestuosa por haver esposado seu cunhado; “Antígona” é vítima de Édipo e Jocasta, que era sua mãe; “A Castro” é quase estrangulada diante do público. Essas três grandes tragédias são sacudidas por sopros de paixões violentas. Queira Deus que os censores não as incluam.- tudo é possível no Brasil - nos parágrafos do Artigo 41, do Decreto 20.495. Um deles pode crer que Hamlet induza aos espectadores “à prática de crimes”. O Rei de Portugal mandou matar Inês de Castro, não “divulga ou induz aos maus costumes”? E a atitude de Antígona desafiando Creonte, não pode parecer a muitos,”capaz de provocar incitamento contra o regime vigente, e a ordem pública, as autoridades constituídas e seus agentes”?...(MAGNO, 1947, p. 11).

Até mesmo a Associação Brasileira de Críticos Teatrais se posicionou a favor da liberação da peça através do *Jornal Correio da Manhã*, no dia 13 de fevereiro de 1948. A liberação da

peça foi um marco para o teatro brasileiro, pois segundo Nelson: “Pela primeira vez, um homem de Estado coloca o teatro brasileiro em termos estéticos. Como consequência, o teatro brasileiro passa a existir como arte, como problema de cultura.” (RODRIGUES, 1969).

O preconceito e a pressão da censura para escolha de um ator branco era resultado de uma sociedade que não apenas subestimava o ator negro, mas também não aceitava a ideia de um homem negro encenar cenas de estupro e de relacionamento inter-racial, ou seja, a censura à peça não se dava pelas questões morais ou escandalosas como presença de incesto ou infanticídio, mas talvez principalmente por apresentar um homem negro estuprando e se casando com uma mulher branca. Portanto, o ator escolhido para o papel foi Orlando Guy.



Anjo Negro, Nelson Rodrigues-1948-Orlando Guy-Nicette Bruno. FUNARTE: Brasil, Memória das Artes. <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/imagens/imagens-fotos/page/119/>.

Paschoal Carlos Magno foi um dos únicos críticos da época que questionou o fato de utilizarem um ator branco para representar um personagem negro, visto que no Brasil haviam atores negros capacitados para o papel:

Estranho ver o senhor Orlando Guy no papel de “Ismael”. Num país cheio de artistas negros com verdadeiro mérito, porque foram buscar um principiante branco, que tem todas as qualidades de ator, menos aquela que é de tornar seu herói verdadeiro, real, diante de seus espectadores. Ambos (Maria Della Costa e Orlando Guy) parecem-me, como intérpretes, muito cerebrais, como quem repete uma lição sem um erro de marcha, pronúncia ou gesto. A técnica de representar é, no caso dos dois ou de outro qualquer, necessária, mas sem intervenção de nervos, vibração

interior, fica extremamente prejudicada, degenerando em artificialismo. [...] (MAGNO, 1948, p. 15)

Paschoal trouxe este questionamento em um momento importante para o teatro brasileiro. A introdução de Ismael como um negro não tipificado traz reflexões sobre a utilização do *blackface* nas peças, pois um personagem complexo que traz questões relacionadas ao racismo não poderia ser interpretado por um ator branco pintado, isso, segundo Nelson Rodrigues, tirava toda autenticidade do ator para fazer tal papel. (RODRIGUES, 1969). Portanto, *Anjo Negro* não só passou pela censura e levou aos palcos o tema racial através da encenação da peça de um dos maiores dramaturgos brasileiros, trouxe também questionamentos sobre a prática do *blackface*, que então era comum nos teatros brasileiros e pouco questionada tanto pelos críticos quanto pela classe artística da época.

A peça causou grande polêmica, assim como outras peças de Nelson Rodrigues. No ano anterior à estreia de *Anjo Negro*, *Álbum de Família* (1946) teve sua estreia, uma peça tão polêmica quanto *Anjo Negro*. Em 4 de abril de 1948, no *Diário de Notícias*, um crítico não identificado comparou as duas peças:

Nota-se o mesmo estranho gosto de “Álbum de Família”, por exemplo, ou seja, a acumulação de torpezas, de maldade, de perversidade, num mesmo e reduzido grupo de pessoas e, até, numa pessoa só. Em “Anjo Negro”, sucedem-se infanticídios, violações de virgens, incestos, privações de vida, assassinios, suicídios. A pequenina amostra da humanidade, oferecida pelo teatrólogo, está no último degrau dos instintos. (*apud* MEDEIROS, 2010, p. 40)

Anjo Negro polarizou opiniões dos críticos que divergiam entre extremos opostos. Um grupo de católicos criticou a peça por usar as orações Ave Maria e Pai Nosso nos velórios dos filhos de Ismael e Virgínia. Sandro Poloni, que assinou a cenografia do espetáculo retrucou: “Insisto: Rezar para um pequenino defunto é um desrespeito à religião?” (POLONI, 1948, p. 11). Outros criticavam a capacidade de Nelson Rodrigues em determinar uma finalidade objetiva para suas obras. Ana Maria Sussekind fez uma crítica ao *Jornal Correio da Manhã*:

Qual a finalidade da peça? Nenhuma. Nelson Rodrigues não se interessa pelas finalidades de suas peças. O seu intuito é fazer com que o espectador fique tão aturdido que nem tenha tempo para descobrir um motivo para tudo aquilo. (SUSSEKIND, 1948, p. 13).

Muitos críticos também se colocaram a favor da peça, categorizando-a como obra de arte e posicionando-se a favor da liberdade de pensamento poético. Em uma publicação em *O Jornal*, em 6 de abril de 1948 – um crítico que não teve seu nome revelado diz:

Não tenho receio de afirmar: quem assistiu “Anjo Negro” – a não ser os que vivem enquistados num casulo de hipocrisia – há de concordar comigo em que o ato da censura foi mesmo uma violência inútil. Louvemos ainda uma vez a vitória do bom senso e façamos votos para que não se

repetam atentados ao direito de criar e à liberdade de pensamento. (*apud* MEDEIROS, 2010, p. 41-42)

A questão racial foi pouco questionada nos jornais da época. Talvez pelo fato do racismo no Brasil ser velado e institucionalmente discreto. Nelson Rodrigues fala sobre essa questão em um depoimento ao livro “Testemunhos” de Abdias Nascimento, que é um livro com compilados de críticas feitas ao TEN e depoimentos de pessoas que participaram de sua trajetória:

Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. Acho o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo. (NASCIMENTO, 1966, p 158)

Violeta Ribeiro fez uma crítica ardilosa para o *Correio da Manhã*, colocando que a forma com que Nelson Rodrigues aborda a questão racial em sua peça seria algo tão grotesco que chegaria a ser inverossímil, e a autora afirmou que o Teatro Experimental do Negro também acharia um absurdo, diz:

Em “Anjo Negro”, porém, o autor não se satisfaz com sexo e crime, e baseia o drama no problema racial e isto de maneira tão absurda e inverossímil que surpreende ao ariano mais aterrado a preconceitos raciais. E no Brasil não pode haver clima que justifique a concepção do autor, salvo se tem em vista lançar um ponto de partida para uma luta de raça com intuito de engendrar ódios e desordens sociais. Certamente por isso é o seu gênio qualificado de “revolucionário”. Mas se o teatro é uma transposição da vida, o valor da obra teatral está na medida da dose de verdade e de humanidade que a mesma contém. [...] Que dirá o Teatro Experimental do Negro, composto de elementos de real valor ante a afronta de se exhibir algo que é um atentado à dignidade humana de sua raça? (RIBEIRO, 1948, p. 27)

Entretanto, *Anjo Negro* fez parte da antologia de peças ligadas ao TEN chamada *Dramas para Negros e Prólogo para Brancos*, organizada pelo próprio Abdias do Nascimento, publicada em 1961, no Rio de Janeiro. Esse fato corrobora a ideia de que o TEN aprovou a peça e seu conteúdo e apenas não a encenou porque foi impedido pela censura. Os nove dramas contidos neste livro foram escritos especialmente para o TEN encenar ou por algum membro do grupo e todos apresentam o protagonismo negro, contando a história do indivíduo negro, sua comunidade, cultura e descendência. A opinião de Violeta Ribeiro, porém, reverbera talvez o escândalo que os temas fortes causavam sobre a sociedade brasileira do final dos anos 1940, já que o autor de fato destrincha o que o ser humano possa ter de mais terrível, não importando a cor de sua pele.

A questão de o ator branco Orlando Guy interpretar o personagem negro Ismael foi comentada por Itália Fausta, Sandro Poloni e até mesmo por Ziembinski e Nelson Rodrigues.

Todos na época da estreia apoiaram Orlando Guy. Sandro Poloni, já sabendo da possível polêmica, disse ao jornal *Correio da Manhã* no dia 17 de março de 1948 que a seleção dos atores para peça veio depois de vários testes: “Graças a esse critério, hoje posso afirmar que cada um dos tipos escolhidos é mais adequado ao papel, seja pelas condições físicas, seja pela natureza de temperamento dramático” (POLONI, 1948, p. 11). Itália Fausta, também ao jornal *Correio da Manhã*, no dia 24 de março de 1948, reforçou a questão da seleção de elenco e elogiou Orlando Guy: “[...] Do mesmo modo, Orlando Guy. Poderosamente dramático, dando uma profunda realidade à sua interpretação, criando um personagem bárbaro e poderoso.” (FAUSTA, 1948, p. 13)

Nelson Rodrigues discutiu com Abdias do Nascimento sobre a censura impedir que o ator interpretasse Ismael. Abdias reforçou a importância da peça ser representada, mesmo que se utilizasse o *blackface*, ele sabia que a peça só passaria pela censura dessa forma, e achou que naquele momento o importante era que a peça fosse apresentada, pois seu conteúdo era de extrema importância (CASTRO, 1992, p. 191). Assim, após o consentimento do amigo, Nelson comentou que confiava na escolha do diretor Ziembinski. Ele não defende Orlando Guy, mas também não repudia a escolha argumentando a favor do efeito teatral, que seria o mais importante para gerar uma cena idônea.

Orlando Guy fará o marido preto. O argumento de que não é negro retinto não é válido. Considerando que o caso de um estrito e honesto ponto de vista teatral - o único que importa - basta que a sua discreta maquiagem e seu desempenho dramático deem a ilusão do “negro Ismael”. E não teremos direito a menor restrição. E se Ziembinski o escolheu entre muitos que se candidataram ao papel, deve-se a que o tipo de Orlando Guy era o único que correspondia à concepção X, que o ensaiador polonês exigia. (RODRIGUES, 1948, p. 11)

Vinte e um anos depois da estreia de *Anjo Negro*, Nelson mostrou a sua visão sobre Ziembinski ter escolhido um ator branco para interpretar o papel de Ismael. Na já citada entrevista concedida ao *Jornal da Tarde* no dia 13 de setembro de 1969, o autor argumentou:

Eu imaginava para o papel uma figura plástica, crispada, uma obsessiva presença vital. Um negro belo, denso, como Paul Robson. Ismael nada tinha a ver com os moleques gaiatos das burletas domésticas. Creio que foi o primeiro herói negro do teatro brasileiro. Que autenticidade racial e cênica se poderia esperar de um branco pintado? [...] Conversei com Ziembinski, o diretor também preferia o branco pintado. Talvez achasse que o preto brasileiro tem uma estrutura doce demais para viver o ódio maravilhoso de Ismael. E, assim, uma figura como Paul Robson, para o papel, não passou de uma utopia derrotada. (JORNAL DA TARDE, 1969)

Nelson na época da estreia não chegou a comentar sobre sua vontade de que o personagem Ismael fosse representado por um ator negro, talvez por já saber que a peça corria risco de não ser representada ou sair de cartaz devido à censura e à crítica. Sua intenção nunca foi fazer uma peça panfletária sobre o racismo no Brasil: “Está claro que a peça não vem resolver

situação nenhuma. É um teatro muito pouco pensante, muito pouco opinante e as virtudes que possa ter são de caráter puramente dramático e poético”, disse ele ainda ao *Jornal da Tarde*, em 1969.



Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 02, abril, 1948. p. 11. Fonte: Hemeroteca
http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_05&PagFis=40816

Anjo Negro ficou pouco tempo em cartaz no Teatro Fênix. Toda a polêmica sobre a peça arrecadou público para as primeiras apresentações, mas não conseguiu manter a mesma frequência de espectadores. Um grupo católico fez um abaixo assinado para que a peça saísse de cartaz, isto somado à crítica negativa e à polêmica sobre a questão racial resultou na retirada da peça de cartaz. Segundo Abdias, a encenação não conseguiu revelar toda a “autenticidade” da dramaturgia de Nelson:

Infelizmente, a encenação de *Anjo negro* (1946) não correspondeu à autenticidade criadora de Nelson Rodrigues. O diretor Ziembinski adotou o critério de supervalorizar esteticamente o espetáculo, em prejuízo do conteúdo racial. Foi usada a condenável solução de brochar um branco de preto para viver no palco o Ismael. Tal fato estava intimamente ligado a outro: *Anjo negro* teve muita complicação com a censura. Escolhida a peça para figurar no repertório de temporada oficial do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, impuseram as autoridades uma condição: que o papel principal de *Anjo negro* fosse desempenhado por um branco pintado. Temiam, naturalmente, que depois do espetáculo o Ismael, fora do palco e na companhia de outros negros, saísse pelas ruas caçando brancas para violar...” (NASCIMENTO, 2004, p. 217).

Como se vê, segundo o ator, o racismo foi o fator determinante para aprovação da peça pela censura, pois a condição para escolha do ator que interpretaria Ismael não foi

consistente. O final da citação mostra com uma ironia ácida a verdadeira motivação para a toda a censura sofrida pela peça e a o quanto a problemática do racismo no Brasil é grande. O problema real não seria a peça incitar ou estimular homens a estuprar mulheres e sim especificamente o fato de homens negros irem atrás de mulheres brancas. A citação, em uma única frase, ainda indica o racismo da censura que nas entrelinhas também indicaria que um negro não possuiria discernimento ou consciência para distinguir uma interpretação teatral da vida real, ou seja, o problema nunca foram as atrocidades ou até a suposta imoralidade ou incestos que a peça possui. A alegação de que não havia atores negros capacitados para o papel é também falsa uma vez que o Teatro Experimental do Negro já estava trabalhando e capacitando atores negros há quatro anos na época da estreia da peça, e a peça tinha sido escrita especialmente para Abdias, enquanto Orlando Guy era ainda um ator principiante (MAGNO, 1948, p. 15).

Conclusão

É notável que *Anjo Negro* seja um grande marco para o teatro brasileiro, ao trazer à cena pela primeira vez um personagem negro não tipificado. Nota-se também que a peça só passou pela censura com a premissa de que o ator a interpretar o papel de Ismael fosse branco pintado de graxa, portanto, utilizando-se do recurso racista chamado *blackface*.

A questão do racismo no teatro brasileiro sempre foi por muito ignorada. Antes do Teatro Experimental do Negro (1944), o personagem negro era sempre colocado numa caixa de estereótipos, seguindo a tipologia muito utilizada no circo-teatro, o negro sendo sempre representado como o Pai João, Mama de Leite, escravo, o bêbado, a mulata sensual, ou o comico, entre outros tipos semelhantes. *Anjo Negro* inova ao trazer Ismael sem esse estereótipo, o que compete complexidade, psicologização e protagonismo a um personagem negro.

Toda a luta com a censura e com as críticas comprova a complexidade trazida pela peça ao tema do racismo, como um único texto pode ressaltar o fator sempre escondido ou matizado: o quanto o Brasil era um país racista, onde não se havia espaço para atores negros. Juntamente com o TEN, *Anjo Negro* questionou o uso do *blackface*, reafirmando a capacidade técnica de atores negros e direta ou indiretamente chamou atenção para o espaço do ator negro no teatro brasileiro.

Desde o início do TEM, o ator negro luta para que personagens negras não sejam mais representadas por pessoas brancas e para não ser contratado apenas quando está na rubrica que o personagem é negro, pois a qualidade cênica de um ator independe de sua cor ou raça.

Referências

- Associação dos Críticos Brasileiros. Depois dos autores, o protesto dos críticos, contra a censura e a favor de “Anjo Negro”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 13, fevereiro, 1948.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- FAUSTA, Itália. Itália Fausta reaparecera em “Anjo Negro” no Fênix. “O que importa mais é a harmonia do todo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24, março, 1948. p. 13.
- LEAL, Mara. *Anjo Negro: Cor e Desejo*. Salvador BA: 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14654.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- MAGALDI, Sabato. *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, 2004. 190 p.
- MAGNO, Paschoal Carlos. “Anjo Negro” e a censura. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1947. p. 11.
- MAGNO, Paschoal Carlos. “Anjo Negro” no Fênix. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06, abril, 1948. Teatro. p. 15
- MEDEIROS, Elen. *A concepção do Trágico na Obra Dramática de Nelson Rodrigues*. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- MENDES, Miriam. *O Negro e o Teatro Brasileiro*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.
- NASCIMENTO, Abdias. *Dramas para negros e prólogo para brancos: Antologia de teatro negro-brasileiro*. TEN. ed. Rio de Janeiro: 1961.
- NASCIMENTO, Abdias. *Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.
- NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.
- POLONI, Sandro. Sandro, ator-produtor, apresenta-se como crítico. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24, abril, 1948. Teatro. p. 11
- POLONI, Sandro. Sandro fala-nos sobre “Anjo Negro”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17 março, 1948. Teatro. p. 11
- RIBEIRO, Violeta. Os novos críticos - A respeito de “Anjo Negro”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11, abril, 1948. Teatro. p. 27
- RODRIGUES, Nelson. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 13 de setembro de 1969.
- RODRIGUES, Nelson. Nelson Rodrigues narra a Santa Rosa a batalha do Anjo Negro. *Letras e Artes*. 14 de março de 1948.
- RODRIGUES, Nelson. A peça mais discutida no Brasil - “Anjo Negro” estreará hoje no Teatro Fênix. “Desejo sucesso, mas não sacrificaria por ele uma vírgula do meu original” afirma Nelson Rodrigues. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02, abril, 1948. p. 11.
- SUSSEKIND, Ana Maria. Os novos críticos - “Anjo Negro” - a história de uma obsessão. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 07, abril, 1948. Teatro. p. 13.